

Editorial

Da simples leitura dos títulos dos artigos que, neste número (em dois volumes, pela densidade da colaboração), a “Revista de História da Sociedade e da Cultura” tem ensejo de divulgar, ressalta o conjunto dos que conferem interesse histórico à questão humana e social “da difícil luta pela sobrevivência” e das respectivas respostas pessoais e institucionais ao fenómeno. Bastará citar, a título de exemplo ou quase ao acaso, *A Dificil Luta pela Sobrevivência: a Misericórdia de Vila Viçosa durante a Monarquia Constitucional*; *Provedores da Santa Casa da Misericórdia de Arganil do Século XIX [...]*; *O Cortejo de Oferendas em Benefício da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor [...]*; *A Santa Casa da Misericórdia de Coimbra e o Empréstimo de Dinheiro a Juros [...]*; *La Colectivización de la Asistencia Social en la Provincia de León a través de los Hospitales*; *Limites de la Historia Social Clásica de la Pobreza y la Asistencia en España...*

Não acredito no simples acaso quanto à sintonia revelada pelo estudo desta temática. É que cedo aprendi (e, directamente, para maior convicção, da boca de Mestre Vitorino Magalhães Godinho) que o objectivo da história é compreender e explicar o presente, ainda que o seu objecto se situe no passado (um passado, por vezes, bastante longínquo). Com o mesmo especialista e empenhado cidadão (veja-se, por exemplo, a sua publicação *Do Ofício [da História] e da Cidadania: Combates por uma Civilização da Dignidade*, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1989), tomei, pois, boa nota que os grandes problemas com que nos enfrentamos não são tanto os

que se situam na curta duração, mas aqueles que se ligam às estruturas. Ora, o problema da subsistência ou da pobreza, se tem dimensão e expressão à escala mundial e uma espessura temporal milenar, ganhou e continua a ganhar extrema acuidade na Península Ibérica. Deste modo, compreende-se que os historiadores actuais de ambos os Países também estejam atentos ao fenómeno em si, nas suas causas e nas respostas para o mitigar. É, de facto, um problema da cidadania e o bom historiador tem que ser um bom cidadão!

Que nos perdoem os outros colaboradores deste número da nossa Revista se não chamamos a atenção, neste desprezioso “Editorial”, para o indubitável interesse que os seus estudos concitarão na comunidade científica e, até, no público geral. Porém, sem estarmos a pensar nas pertinentes e insistentes crises cerealíferas da história da Europa, ao endividamento privado e público e ao desemprego associamos títulos noticiosos como este do “El País” (de 12 de Setembro último): “Subidón de los cereales [...] Durante los últimos dos meses, los precios del trigo, la cebada y el maíz han experimentado una subida media del 50% en todos los mercados”. Simple manobra especulativa? E, se é mais do que isto?

João Marinho dos Santos

Coordenador Científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura